



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

MARIA JOSÉ DA COSTA OLIVEIRA

**O ENSINO DE GEOGRAFIA PARA ALUNOS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA: UM ESTUDO NA ESCOLA MUNICIPAL
CELSO LISBOA – PASSA E FICA/RN**

**GUARABIRA-PB
2024**

MARIA JOSÉ DA COSTA OLIVEIRA

**O ENSINO DE GEOGRAFIA PARA ALUNOS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA: UM ESTUDO NA ESCOLA MUNICIPAL
CELSO LISBOA – PASSA E FICA/RN**

Trabalho de conclusão do curso (TCC), em forma de monografia, apresentado no Curso de Licenciatura Plena em Geografia, como requisito para conclusão de curso, na Universidade Estadual da Paraíba-campus III, orientado pelo professor Dr. Ramon Santos Sousa.

LINHA DE PESQUISA: Metodologia do Ensino de Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Ramon Santos Sousa

**GUARABIRA-PB
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48e Oliveira, Maria Jose da Costa.

O ensino de geografia para alunos com transtorno do espectro autista [manuscrito] : um estudo na Escola Municipal Celso Lisboa – Passa e Fica/RN / Maria Jose da Costa Oliveira. - 2024.

43 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Ramon Santos Sousa, Coordenação do Curso de Geografia - CH."

1. Ensino de Geografia. 2. Transtorno do Espectro Autista. 3. Educação Inclusiva. I. Título

21. ed. CDD 372.891

MARIA JOSÉ DA COSTA OLIVEIRA

**O ENSINO DE GEOGRAFIA PARA ALUNOS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA: UM ESTUDO NA ESCOLA MUNICIPAL
CELSO LISBOA – PASSA E FICA/RN**

Trabalho de conclusão do curso (TCC), em forma de monografia, apresentado no Curso de Licenciatura Plena em Geografia, como requisito para conclusão de curso, na Universidade Estadual da Paraíba-campus III, orientado pelo professor Dr. Ramon Santos Sousa.

LINHA DE PESQUISA: Metodologia do Ensino de Geografia.

Aprovada em: 20 / 06 / 2024 .

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Prof. Dr. Ramon Santos Sousa (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Juliana Nóbrega de Almeida
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ms. Letícia Luana Dionísio da Silva Paiva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Para as crianças com TEA, na esperança de contribuir para um mundo mais inclusivo, onde cada indivíduo seja valorizado e respeitado em sua singularidade. DEDICO ESTE ESCRITO!

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu maravilhoso Deus, pois sem Ele e a sua vontade, nada seria possível em minha vida. Minha gratidão também vai para minha mãe, amiga para todas as horas Nossa Senhora, que é amor, bondade e paciência, sempre segurando as minhas mãos para nunca desistir e seguir em frente, ao meu glorioso São José, é confiança, fortaleza para alcançar a vitória.

Descrevo aqui meus agradecimentos aos meus pais, seu Fernandes e dona Maria Aparecida, por todo o apoio e por sempre acreditarem em mim, e ao meu irmão Israel, que é referência em minha formação acadêmica.

Agradeço de modo especial, aos meus amigos Ana Loisa, Célia Soares, Cristiane, Daniele, Edilma, Jessica, a minha professora Lúcia de Fátima, Maria das Dores, Renata, Tiago, Vanessa e aos demais que me incentivaram e contribuíram para a minha formação.

Meus agradecimentos à família GPSEG por todo o apoio e acolhimento, ao professor e orientador Ramon, a professora Angélica e Juliana por sempre me incentivar nos meus estudos, por todo o apoio de sempre vocês são muito especiais e presentes de Deus em minha vida. Aos meus Estados amados e queridos Rio Grande do Norte e a Paraíba em que eu sou do RN e ao mesmo tempo da PB que ganhou o meu coração e a UEPB em que eu aprendi muito durante esses 4 anos, e tenho muita gratidão pela oportunidade de cursar um ensino superior, e foi um sonho lindo de Deus que se realizou na minha vida.

De modo especial, agradeço aos meus amores: os alunos do 4º ano da Escola Municipal Celso Lisboa. Especialmente ao meu querido Daniel e ao meu afilhado Theo, que são crianças com TEA, e que a cada dia nos ensinam o amor, bondade, empatia e inclusão.

"Entrega o teu caminho ao Senhor; confia nele, e Ele tudo fará". (Salmo 37:5)

043 – LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

TÍTULO: O ENSINO DE GEOGRAFIA PARA ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UM ESTUDO NA ESCOLA MUNICIPAL

CELSO LISBOA – PASSA E FICA/RN

LINHA DE PESQUISA: Educação Especial e Inclusiva.

AUTOR: Maria José da Costa Oliveira

ORIENTADOR: Prof. Ramon Santos Souza (UEPB)

BANCA EXAMINADORA:

RESUMO

A presente pesquisa busca incentivar a prática de uma educação inclusiva, tendo como alvo a disciplina de Geografia, suscitando um olhar mais dinâmico para os múltiplos estudantes que compõem uma sala de aula, sobretudo os que possuem o Transtorno do Espectro Autista – TEA. Para isso escolhemos uma turma do 4º ano Ensino Fundamental (séries iniciais) da Escola Municipal Celso Lisboa, que faz parte da rede pública de ensino da cidade de Passa e Fica - RN. Para além disso, este escrito trata-se de uma pesquisa qualitativa/descritiva. Ressaltamos por meio desse estudo que o professor precisa promover estratégias metodológicas, que estimule a interação e o desenvolvimento dos alunos. Para isso é necessário a utilização de recursos didático/pedagógicos, que promovam o protagonismo dos alunos. Na Geografia existe uma riqueza de possibilidades, dentre elas, a confecção de maquetes e os croquis, como representação do espaço geográfico. Com isso é relevante que o professor assumira uma postura inclusiva para todos, por meio do acolhimento e empatia, ações que fazem a diferença na vida dos alunos, especialmente os que possuem Transtorno Global de Desenvolvimento, como é o caso do TEA. Ademais, o ambiente escolar é de muita importância para que os alunos se sintam acolhidos, respeitados e recebam as mesmas oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento das demais crianças. É importante que as escolas disponibilizem recursos pedagógicos e suporte para colaborar com a inclusão para as aulas de Geografia, de forma lúdica e que os alunos possam participar das atividades, trabalhos coletivos em grupo com o objetivo de incluir a criança com TEA, nas aulas e trabalhar a disciplina com a intervenção pedagógica.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Inclusão. Transtorno do Espectro Autista.

043 – LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

TÍTULO: O ENSINO DE GEOGRAFIA PARA ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UM ESTUDO NA ESCOLA MUNICIPAL

CELSO LISBOA – PASSA E FICA/RN

LINHA DE PESQUISA: Educação Especial e Inclusiva.

AUTOR: Maria José da Costa Oliveira

ORIENTADOR: Prof. Ramon Santos Souza (UEPB)

BANCA EXAMINADORA:

ABSTRACT

This research seeks to encourage the practice of inclusive education, targeting the discipline of Geography, encouraging a more dynamic look at the multiple students who make up a classroom, especially those with Autism Spectrum Disorder – ASD. For this we chose a class from the 4th year of Elementary School (initial grades) from Escola Municipal Celso Lisboa, which is part of the public education network in the city of Passa e Fica - RN. Furthermore, this writing is qualitative/descriptive research. We emphasize through this study that the teacher needs to promote methodological strategies that encourage student interaction and development. To achieve this, it is necessary to use didactic/pedagogical resources that promote student protagonism. In Geography there is a wealth of possibilities, including the creation of models and sketches, as a representation of geographic space. Therefore, it is important that the teacher assumes an inclusive stance for everyone, through acceptance and empathy, actions that make a difference in the lives of students, especially those with Pervasive Developmental Disorder, such as ASD. Furthermore, the school environment is very important for students to feel welcomed, respected and receive the same learning and development opportunities as other children. It is important that schools provide pedagogical resources and support to collaborate with inclusion in Geography classes, in a playful way and that students can participate in activities, collective group work with the aim of including children with ASD, in classes and work on the discipline with pedagogical intervention.

Keywords: Teaching geography. Inclusion. Autism Spectrum Disorder.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PB	Paraíba
RN	Rio Grande do Norte
PMPF	Prefeitura Municipal de Passa e Fica
TEA	Transtorno do Espectro Autista
PCD	Pessoa com Deficiência
EF	Ensino Fundamental
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1-	Mapa do município de Passa e Fica/RN.....	11
Figura 1-	Frente da Escola Municipal Celso Lisboa.....	22
Figura 2-	A importância da maquete nas aulas de Geografia.....	24
Figura 3-	Apresentação da maquete.....	25
Figura 4-	A aluna apresentando a relação entre o Campo e a Cidade.....	26
Figura 5-	O aluno Vitor Gabriel, explicando a zona urbana e rural.....	27
Figura 6-	O aluno, apresentando o espaço geográfico de cada área.....	28
Figura 7-	O aluno João Gabriel, apresentando as características do Campo e da Cidade.....	29
Figura 8-	O aluno João Gabriel, apresentando a relação do Campo e a Cidade e a geração de emprego e renda.....	30
Figura 9-	A aluna Maria Clara, apresentando os alimentos, frutas e verduras que são encaminhados para a cidade.....	31
Figura 10-	O aluno Daniel, observando com atenção a maquete.....	32
Figura 11-	A relação do Campo e da Cidade.....	34
Figura 12-	Campo e Cidade.....	35
Figura 13-	Espaço Rural e Espaço Urbano.....	36
Figura 14-	A representação do Campo e a Cidade.....	37
Figura 15-	Paisagem – A vida no Campo e na Cidade.....	38

SUMÁRIO

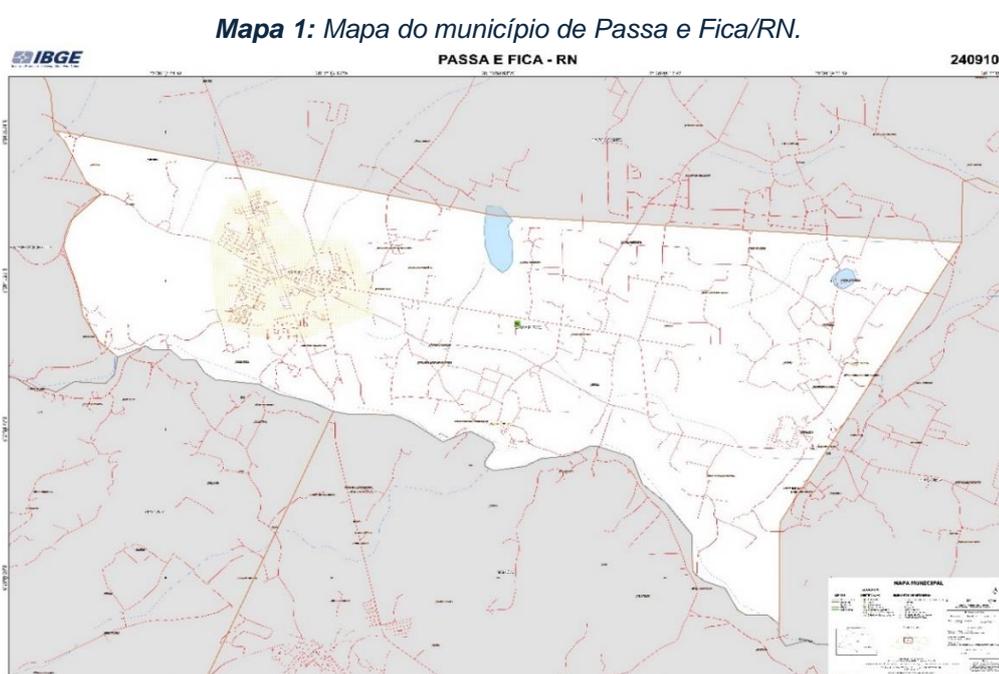
1 INTRODUÇÃO	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1 O professor e o Ensino de Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental, para os alunos com Transtorno do Espectro Autista – TEA	17
2.2 Geografia da inclusão: Necessidades e Reflexões.....	20
3 METODOLOGIA	21
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	22
4.1 Metodologia inclusiva na disciplina de Geografia: Percepções dos alunos do 4º ano sobre a conexão Rural-Urbana Pedagógica para os anos iniciais do Ensino Fundamental com foco na inclusão.....	23
4.1.1 Primeira intervenção – Utilização de Maquetes.....	23
4.1.2 Segunda intervenção – Desenvolvimento de croquis (Ambiente Rural e Urbano).....	33
4.1.3 Momento de partilha em sala: considerações acerca da atividade pedagógica, as dificuldades e facilidades encontradas – Caráter Desafiador	39
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	41
APÊNDICES	43

1 INTRODUÇÃO

A Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental, contribui para a formação do aluno, como também, a compreensão do espaço geográfico é de grande importância ao lecionar a disciplina de Geografia. O professor precisa buscar metodologias inclusivas, para que todos os alunos aprendam, sem exceção, inclusive as crianças/alunos com o Transtorno do Espectro Autista – TEA. Elas precisam ser incluídas com a ampliação de atividades lúdicas, para que assim, o estudante possa assimilar de maneira atrativa as noções básicas de Lateridade, Espaço e Tempo, que compõe no ensino da disciplina em questão.

O interesse por essa temática, foi motivado devido à vivência no âmbito escolar com crianças com (TEA), durante o estágio remunerado da prefeitura Municipal de Passa e Fica - PMPF, onde a pesquisa foi desenvolvida, na Escola Municipal Celso Lisboa, na cidade de Passa e Fica/RN – turma do 4º ano do ensino fundamental.

Passa e Fica é um município brasileiro localizado no interior do Estado do Rio Grande do Norte. Pertencente a microrregião e mesorregião do Agreste Potiguar, localiza-se a Sudoeste da capital Natal do estado do RN. É atualmente enriquecida na cultura popular e também muito famosa por preservar suas raízes folclóricas e culturais. Vejamos o mapa do município de Passa e Fica/RN, onde foi realizada a pesquisa em questão, em **(Mapa 1, pag. 11)**, a seguir:



FONTE: IBGE, mapas municipais 2020.

Segundo Morais (2004), a história do município de Passa e Fica, se passa desde o ano de 1929, onde um morado do local possuía uma venda, e os viajantes que passavam por ali, se agradavam do local, e acabavam morando e construindo suas residências, começaram a povoar aquele local, e assim, surgiu o município, antes pertencente a cidade de Nova Cruz/RN, que com o aumento do povoamento, acabou se emancipando no ano de 1962. O local citado anteriormente, foi primordial para nossa pesquisa, pois foi na escola pertencente a este, onde trabalhamos com crianças com (TEA).

Para Tamanaha (2008), o TEA foi definido pela primeira vez em 1943, por Kanner, o qual estabeleceu-o como: um distúrbio do contato afetivo. Desse modo, o autismo foi ressignificado inúmeras vezes, em virtude das diversas maneiras como ele vem se manifestando, sendo denominado como Transtorno do Espectro Autista - TEA. Na faixa etária dos alunos dos anos iniciais, suas principais dificuldades estão relacionadas à interação social, comunicação e comportamento repetitivo, ainda não se sabe as causas que levam a esse transtorno.

Dessa forma, ainda segundo Tamanaha (2008), em pesquisa recente sugeriu-se que a causa do Autismo Infantil, pode estar vinculada à alteração neuroanatômica, ou seja, “sujeitos autistas” podem apresentar um modelo neuroanatômico, extremamente, masculino. Este fato ocorre, provavelmente, devido às altas taxas de testosterona a que as pessoas com (TEA) são expostos, no período pré-natal.

Neste contexto, um dos direitos dos alunos com Transtorno do Espectro Autista – TEA, é o acesso à educação, principalmente na rede regular de ensino, nas escolas públicas e particulares. Dessa forma, no Brasil a inclusão é garantida por políticas públicas, colaboram para inclusão em especial ao aluno com necessidades transtornos globais de desenvolvimento. O ambiente escolar tem o dever de oferecer uma sala de aula com que, a criança com (TEA), recebam as mesmas oportunidades de aprendizagem na construção de uma educação inclusiva.

De acordo com a declaração de Salamanca (BRASIL, 1994), a proposta de educação inclusiva, declara que todos os alunos devem ter a possibilidade de integrar-se ao ensino regular, mesmo aqueles com deficiências sensoriais, mentais, cognitivos ou que apresentam transtornos severos de comportamento, preferencialmente, sem defasagem idade/série.

Segundo a Lei de Inclusão 13.146 de 6 de julho de 2015, pessoas com (TEA), são indivíduos que possuem: déficits na interação e comunicação social, além de

padrões de restrição e repetição no comportamento, incluindo as atividades e os interesses com hiperfoco, além de problemas sensoriais. Sendo assim, no que foi abordado vê-se a necessidade de uma melhor formação para os professores, que estimule o acolhimento e empatia para os alunos com Transtorno do Espectro Autista – TEA.

As instituições escolares, sejam elas, de rede pública ou privada, de ensino, em muitos casos, não estão preparadas para receber uma criança com (TEA), nas séries iniciais do (EF). Esse fato, muitas das vezes, é motivo de grande preocupação para a escola, bem como, para os professores! Que necessitam adaptar-se com suas metodologias de ensino e sua prática educativa, para realizar de fato um processo de inclusão.

Segundo Almeida (2023), diante desse cenário, os professores precisam possuir uma formação inicial e continuada, em que, eles sejam convidados a adotarem uma postura mais inclusiva. Sendo está, uma forma de desenvolver atividades de ensino e aprendizagem para os jovens escolares reais, que hoje estão de maneira mais efetiva nas salas de aulas, como: alunos atípicos, neurotípicos ou com transtornos globais do desenvolvimento como, por exemplo: alunos com (TEA), ou que possuem deficiência física, visual ou auditiva.

Por isso, “as instituições escolares estão inseridas em um contexto social que atende a interesses hegemônicos, e, é necessário ter consciência para se contrapor a dominação e não reproduzir a segregação.” (ALMEIDA, 2023), Para tanto, se faz necessário estar ciente de que:

Enquanto nossas sociedades estiverem organizadas como estão, em parâmetros capitalistas, que se alimentam da desigualdade social, toda pessoa, instituição, rede/sistema ou governo será sempre, a um só tempo, tanto inclusiva quanto excludente (SANTOS, SEPÚLVEDA.2010, p.7).

Dessa forma, o ambiente escolar é um dos espaços sociais para atender os estudantes. Por isso, o desafio da educação inclusiva ainda está muito presente com a falta de recursos adequados para ajudar na aprendizagem do aluno com Transtorno do Espectro Autista – TEA. Sendo assim, não se trata apenas de incluir, mas, sim de: respeitar, incentivar, criar metodologias lúdicas que estimulem as crianças atípicas.

Um exemplo são as atividades visuais, com previsibilidade, juntamente com reforço positivo e validando o esforço da criança. Após a criação do Estado Democrático de Direito e das pesquisas inovadoras no campo do TEA no Brasil, por

meio das políticas públicas, se importou em garantir no campo educacional alguns direitos a estas pessoas, que ajudassem a incluí-las na sociedade, e desta forma erradicar toda forma de preconceito (FREITAG, 1980).

Com isso, as Políticas Educacionais têm o papel de fornecer os recursos para garantir os direitos dos estudantes com (TEA), como também, ajudar na inclusão e no tratamento dessas crianças. Todavia, as políticas públicas visam proporcionar uma contribuição para ajudar a escola a incluir esses alunos, que contribui significativamente para a evolução do ensino-aprendizagem. Dessa forma, esse processo acaba se tornando erroneamente padronizado no que diz respeito, aos estímulos da aprendizagem. Porém, o Estado, como vigente de responsabilidade, deve prosseguir com a formação de professores.

Todavia, agregado à formação, deve existir, um aperfeiçoamento em cursos específicos, neste ponto, a contratação de pedagogos, já que, esses são os profissionais capacitados para trabalhar com os alunos das séries iniciais e da primeira parte do ensino Fundamental, como nos trouxe Battisti e Heck (2015), as escolas brasileiras também vêm sofrendo, grandes dificuldades como a falta de recursos e despreparo dos professores, o que pode afetar a permanência das crianças atípicas na educação.

Porém, segundo Brasil (2012, p.10): “nem sempre a falta de recursos de acessibilidade está relacionada à questão financeira, pois o professor pode utilizar recursos simples e conseguir garantir o acesso de seu aluno na aprendizagem”. Dessa forma, é importante refletir sobre a falta de recursos adequados nas escolas, das séries iniciais do (EF), e do professor especializado na inclusão dos alunos com Transtorno do Espectro Autista - TEA, sendo fundamental a empatia, atividades inclusivas em sua metodologia e ação realizada pelo docente, para ajudar na inclusão dessas crianças.

Buscar estratégias necessárias, quando a escola e o educador aplicam na prática o que há na teoria, tem a inclusão, participação de todos alunos. Nessa vertente, esta pesquisa visa analisar como se dá o processo do ensino da Geografia na vida das pessoas/alunos que possuem (TEA), investigar algumas dificuldades presentes na aprendizagem dessas crianças atípicas, e mostrar alguns aspectos do ensino de Geografia para as séries iniciais do (EF), que facilitem nesse processo de aprendizagem. Essa análise visa contribuir posteriormente, com materiais

pedagógicos que auxiliem no ensino de Geografia na concepção da educação especial.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa busca um olhar na Geografia Inclusiva para Crianças com (TEA), demonstrando que a inclusão é possível, embora, ainda existam, muitos desafios, tais como: aceitação da pluralidade de alunos; evitar padronização das formas de aprender; estimular a criatividade; e, habilidades múltiplas dos alunos. Assim sendo, com a prática de leitura, jogos, dinâmicas, histórias em quadrinhos e outros recursos. Portanto, para Mantoan (2003), explicita o termo *inclusão* da seguinte forma:

A inclusão é uma inovação que implica um esforço de modernização e de reestruturação das condições atuais da maioria de nossas escolas (especialmente as de nível básico), ao assumirem que as dificuldades de alguns alunos não apenas deles, mas resultam, em grande parte, do modo como o ensino é ministrado e de como a aprendizagem é concebida e avaliada. (MANTOAN, 2003, pág.31).

Baseado nos pressupostos sobre esta afirmação, a inclusão infelizmente é algo que, muitas das vezes, encontra-se nos discursos educacionais, porém na prática, vemos que existe múltiplas barreiras, que impedem a sua realização: “desde a conscientização dos professores”, como também, “a consciência da família” – que nem sempre dá suporte aos filhos, e a infraestrutura limitada das escolas.

Quando pensamos na inclusão, a partir, do ensino de Geografia, observamos que esse assunto, começa a ganhar mais espaços de discussão. Por exemplo, hoje na formação inicial, no caso dessa pesquisa, junto ao curso de Geografia da UEPB/Guarabira. Mesmo com essa ampliação o tema ainda é pouco estudado – pelos professores! Sobretudo, quando se trata da inclusão de Crianças com (TEA). Neste contexto, o interesse em tratar dessa temática se deve: em *primeiro momento*, porque irá contribuir muito para a formação vigente, enquanto futura professora de Geografia, e, em *segundo momento*, para os futuros docentes da disciplina em questão.

O interesse na pesquisa, foi motivado devido à vivência no âmbito escolar com a Crianças com (TEA), durante as disciplinas de *estágio remunerado* da (PMPF), enquanto estagiária. A vivência, conseqüentemente, com a experiência de lecionar à algumas crianças com esse espectro, acarretou o interesse pela temática. Os conhecimentos adquiridos como docente estagiária, foram de grande colaboração, inclusão, perseverança e dedicação. Por essas razões, abordarei a temática em si. O

surgimento dessa ideia foi por meio de questionamentos, curiosidades no ensino e na aprendizagem de indivíduos que possuem essa especialidade.

Desta maneira, a pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal Celso Lisboa, em sua turma do 4º ano do (EF), da cidade de Passa e Fica/RN. Para entendermos melhor, como a Geografia e a inclusão, estão sendo trabalhadas nos anos iniciais do ensino Fundamental. No entanto, faz-se necessário, a inclusão em todas as atividades em sala de aula, visto como também, o ingresso de um aluno atípico, em escola regular.

Neste contexto, a presente pesquisa busca conhecer a realidade da *Educação Inclusiva* dos alunos com Transtorno do Espectro Autista – TEA, nas aulas de Geografia, pois, no âmbito escolar, faz-se necessário, entender como se dá a inclusão desses alunos e verificar a importância da *interação e integração* dos mesmos, junto à classe regular. Nessa perspectiva, avaliar o desenvolvimento de crianças com essas especificidades, objetivando as práticas do ensino de Geografia, e partindo dessa problematização, desenvolver propostas de intervenções pedagógicas.

Portanto, destacamos a importância da pesquisa para o ensino de Geografia a com essa temática. Sobretudo, quando pensamos em construir além de um caminho teórico, também prático, contribuindo assim, para melhorar o ensino de Geografia na escola de maneira mais inclusiva, por meio de recursos didáticos criativos como por exemplo: a utilização de maquetes e croquis. Além do envolvimento dos alunos para confecção desse produto, gerar o estímulo também do protagonismo, a criatividade e autonomia dos estudantes.

O croqui, ajuda os alunos com esse espectro (TEA), a compreenderem e expressarem-se por meio do desenho. Atividades educativas, proporcionam maior estímulo a aluno com essa especificidade, pois, essas intervenções pedagógicas foram de grande importância para que as crianças do 4º ano do (EF), da Escola Municipal Celso Lisboa, tivessem a oportunidade de participar dessas atividades, promovendo assim, a inclusão de todos os alunos.

A princípio, é essencial analisar como se dá o processo de aprendizagem, bem como, os desafios que os alunos encontram na área de Geografia, e que os professores utilizem práticas pedagógicas para envolver os alunos com (TEA), nas aulas sem precisar dividir a turma. Portanto, é fundamental para alcançar os objetivos de aprendizagem dos alunos como um todo.

Desta forma, trouxemos questões norteadoras tais como: “Quais desafios são encontrados no processo de inclusão do aluno com Transtorno do Espectro Autista – TEA, nas aulas de Geografia”? “Quais são as principais dificuldades vivenciadas pelo educador de Geografia”? “O que os professores precisam fazer para incluir o estudante com (TEA), na sala de aula”? “Como garantir a aprendizagem e permanência de alunos atípicos”?

Para além disso, este escrito trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória de alguns exemplos do ensino de Geografia, com a prática inclusiva em sala de aula com Criança com especificidades, em especial o (TEA), que estudam no 4º ano do Ensino Fundamental I, pertencentes a cidade de Passa e Fica/RN. Nos debruçamos em referenciais teóricos e documentos com essa práxis¹, a fim de analisar possíveis problemas e estimular pesquisas e reflexões que tragam em si a relevância de construirmos uma educação geográfica para inclusão de maneira real.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Considerando que o ensino de Geografia na Educação Inclusiva passa por diversos desafios, desde a formação docente até mesmo com a prática do ensino em sala, discutiremos sobre a relação do professor com a criança com Transtorno do Espectro Autista - TEA, no ambiente escolar e o processo das estratégias pedagógicas, não basta apenas incluir, o professor deve desenvolver metodologias diversificadas e flexíveis para alcançar os objetivos propostos para inclusão.

Para tanto, é de grande interesse pesquisar esse assunto para que todos conheçam e saibam lidar com alunos atípicos, em especial pessoas com (TEA), em meio à sociedade, família e escola. Por fim, questionasse como se dá esse processo de inclusão dessas pessoas/alunos em salas de aulas na disciplina de Geografia, é foi o nosso desafio!

2.1 O professor e o Ensino de Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental, para os alunos com Transtorno do Espectro Autista – TEA

Um dos fatores que podem implicar no ensino de Geografia nas séries iniciais do (EF), é justamente a maneira como o professor polivalente leciona a disciplina. Assim, o docente pedagogo, não está preparado para ensinar o aluno com (TEA), o

¹ No que diz respeito a junção da teoria com a prática, nesse âmbito do ensino de Geografia em especial a alunos com Transtorno do Espectro Autista – TEA. **[grifos nossos]**.

que representa um dos desafios que dificultam a inclusão, além da falta de capacitação profissional e escassez de material didático.

Segundo Richter (2004), afirma em seu trabalho, o quanto é difícil formar pedagogos para o ensino da Geografia, destacando que ambos são objetos de análise que proporcionam um estudo do espaço geográfico na formação de cidadãos. Na prática escolar dos anos iniciais do (EF), destaca-se que a Geografia permite desenvolver uma maneira de conhecer o mundo, de nos reconhecermos como cidadãos e de sermos atuantes na construção do espaço geográfico.

Contudo, vale ressaltar o quanto é importante trabalhar a Geografia nas séries iniciais, incluindo uma prática geográfica que insira as crianças Transtorno do Espectro Autista - TEA. Sabe-se que é de muita importância a inclusão para as pessoas com TEA, PCD e com Transtornos Globais de Desenvolvimento em sala de aula, principalmente nas aulas de Geografia, e que o professor promova atividades coletivas, busque soluções e conhecimento que favoreçam e incluam o aluno.

É importante o ensino transmitido pelo educador com a utilização de metodologias, como já mencionado, a ampliação de atividades lúdicas, para que as crianças assimilem de maneira atrativa, as noções básicas de Geografia, como por exemplo: Lateralidade, Espaço, Zona, e, a relação entre o Campo e a Cidade. A Geografia é uma disciplina fundamental para a leitura do cotidiano, exigindo domínio e entendimento instrumental sobre os conceitos geográficos que revelam os fenômenos físicos e humanos. Segundo Cavalcante (2002, p.39):

Por ser uma forma de representar análises e sínteses geográficas, por permitir a leitura de acontecimentos, fatos e fenômenos geográficos pela sua localização, permitindo sua especialização." Para os alunos autistas, aprender a definir a especialização em várias dimensões, assim tendo a capacidade de analisar e relacionar de forma lúdica.

Os recursos visuais facilitam a percepção dos alunos com (TEA), a utilização dessas ferramentas nas aulas, se tornam mais interativas e interessantes para todos os alunos. As cores fortes tornam as aulas mais visuais e atrativas, e se o livro didático vier acompanhado do CD-ROM ilustrativo, é um ótimo apoio para o educador, como também, filmes são recursos fundamentais. Os suportes visuais são ferramentas que apresentam informações por meio de imagens e facilitam a comunicação dos alunos atípicos, facilitando o aprendizado e a compreensão do mundo. De acordo com Mantoan (2015, p.71):

Para ensinar a turma toda, parte-se do fato de que os alunos sempre sabem alguma coisa, mas no tempo e do jeito que lhe é próprio e de acordo com seus interesses e capacidades. Também é fundamental que o projeto nutra elevada expectativa em relação à capacidade de progredir dos alunos e não desista nunca de buscar meios para ajudá-los a vencer os obstáculos escolares.

Perceber a perspectiva das maquetes e dos croquis de Crianças com (TEA), no contexto de Geografia, tem o propósito de contribuir para a inclusão, englobando os mesmos, os quais, os "excluídos" sendo vistos pela sociedade como incapazes de se relacionar, perceber, retratar o mundo que os cercam, sejam participantes do que os rodeiam, seja ele: ambiente escolar ou em qualquer lugar que forem!

Ademais, o professor polivalente, muitas das vezes, não tem a preparação para trabalhar de forma lúdica com os conteúdos mais estudados são as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática. Em suma, a disciplina de Geografia é fundamental nas aulas dos anos iniciais, pois permite estudar com o recurso didático a construção do espaço, ou seja, permite que a criança com (TEA), conheça de forma lúdica a Geografia.

Segundo Mantoan (2003), o processo de inclusão exigirá da escola novos recursos de ensino e aprendizagem, concebidos, a partir de uma mudança de atitudes dos professores e da própria instituição, reduzindo todo o conservadorismo de suas práticas, em direção a uma educação verdadeiramente interessada em atender às necessidades de todos os alunos. Paralelamente, ao formar o cidadão na diversidade de estilos e desigualdade de condições de vida humana, exigirá do professor uma atenção redobrada, sobre o cotidiano desenvolvido por ele em sala de aula.

Dessa maneira, o professor precisa incluir o aluno com Transtorno do Espectro Autista - TEA, nas atividades lúdicas e também fortalecer a relação entre teoria e prática nas aulas de Geografia. Para tanto, o recurso didático é a construção do ambiente inclusivo em que tem a participação da criança com (TEA), em sala de aula. Segundo Freire (1996): O processo de ensino-aprendizagem é constituído por formas compartilhadas de construção de conhecimentos de ambos os lados, na relação educador e aluno. "Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ao ensinar ao aprender. Quem ensina alguma coisa a alguém" (FREIRE, 1996, p. 23).

Logo, o professor precisa colocar-se aberto a aprender com seus alunos, possibilitando ao docente se sentir parte do processo como um todo. O professor necessita promover em sua prática docente: posturas, saberes e fazeres inclusivos.

Dessa forma, o educador desenvolverá práticas inclusivas, isso é, com a participação de todos os alunos, o foco é a inclusão! É necessária, a construção de uma educação inclusiva em que as crianças com (TEA), possam realizar atividades com recursos didáticos, fazendo-se necessário, que o mesmo assuma uma relação com a inclusão, na construção efetiva do conhecimento com as práticas pedagógicas inclusivas.

2.2 Geografia da inclusão: Necessidades e Reflexões

O ensino de Geografia na Educação Inclusiva deve proporcionar ao aluno a compreensão e uma melhor análise do meio que o cerca. A inclusão na escola é fundamental, favorece e ajuda a compreender e combater preconceitos sociais, bem como auxilia no ensino-aprendizagem de modo mais colaborativo. Os estudantes com necessidades especiais passam a sentir-se acolhidos e motivados, ou seja, incluídos principalmente em auxiliar as crianças a participar de atividades coletivas, utilizando métodos lúdicos, já que é uma ferramenta necessária no desenvolvimento intelectual dos alunos Transtorno do Espectro Autista – TEA.

Neste contexto, o professor polivalente tem que buscar metodologias que facilitem o aprendizado das crianças. Muitos alunos na faixa etária dos anos iniciais do (EF), tem dificuldades em compreender a disciplina de Geografia, e na maioria das vezes o único recurso utilizado pelo o professor é o livro didático. De acordo com Castrogiovanni (2009):

(...) muitos dos professores que atuam nos anos iniciais não foram alfabetizados em Geografia. As crianças chegam ao quarto ano e quinto ano do Ensino Fundamental sem a construção das noções e das elaborações conceituais que compreenderia tal "alfabetização" (CASTROGIOVANNI, 2009, p.12).

Sabemos que nas séries iniciais do Ensino Fundamental, o recurso didático mais utilizado é o livro didático e as disciplinas mais estudadas são as disciplinas de Português e Matemática. Assim, a criança tem dificuldades em compreender a disciplina de Geografia, e é com os recursos pedagógicos que os alunos com (TEA), tem a oportunidade de participar das atividades realizadas em sala de aula, e também, é uma forma, para que o professor não utilize apenas o livro didático.

Para tanto, é fundamental que o docente inclua o aluno atípico, principalmente analisando as dificuldades do mesmo, bem como, suas características próprias. É possível fazer atividades mais inclusivas, garantindo metodologias de ensino que auxiliarão as crianças com (TEA), a socializar com os outros alunos. Isto é! Inclusão,

acolhimento e respeito à diversidade. No mais, a atividade lúdica no ensino de Geografia proporciona o desenvolvimento de alunos com esse espectro. Pode-se utilizar músicas, fotografias, histórias em quadrinhos e outros recursos. A inclusão escolar deve estabelecer as mesmas oportunidades para todos os alunos, promovendo assim, a inclusão no ambiente escolar.

Diante do exposto, pode-se analisar que a inclusão passa por muitos desafios, principalmente com a falta de preparação dos profissionais e infraestrutura, bem como o preconceito da sociedade. Para garantir um ambiente inclusivo, é necessária a conscientização das pessoas para que essas crianças atípicas, tenham as mesmas oportunidades e direitos como os demais.

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada, nessa pesquisa, tem uma abordagem qualitativa de cunho exploratório, visando analisar as contribuições do ensino de Geografia junto aos processos de inclusão, para estimular práticas de ensino e aprendizagem mais significativas para o desenvolvimento em particular da criança com (TEA), a partir dos recursos e métodos pedagógicos, a exemplo: a confecção de maquetes e croquis. Além de possuir caráter exploratório e explicativo, com abordagem qualitativa e quantitativa. Permitindo, dessa forma, compreendermos a importância de um diálogo abrangente e reflexivo sobre uma Geografia da Inclusão, durante a formação docente.

Debruçamos, também, na pesquisa bibliográfica de: livros, monografias e periódicos... Método Pesquisa-ação, como expõe Picheth, Cassandre e Thiollent (2016, p.4), "tem por finalidade possibilitar os sujeitos da pesquisa, participantes e pesquisadores, os meios para conseguirem responder os problemas que vivenciam com maior eficiência e com base em uma ação transformadora". É com olhar, nesta "ação transformadora" que nos apoiamos e tentamos envolver na prática docente em sala de aula, não foi diferente! Tivemos a certeza de que isso funcionar como caráter desafiador para os futuros professores da Geografia.

Além disso, buscamos aprofundar junto as pesquisas bibliográficas, utilizando informações de livros, artigos e periódicos, para fundamentar de maneira mais concisa essa temática. Neste trabalho, utilizamos de contribuições de diversos autores, com o objetivo de analisar, observar e examinar algumas questões necessárias para que os alunos, compreendessem a disciplina de Geografia com os recursos didáticos explorados ao longo do estágio remunerado, na Escola Municipal Celso Lisboa, na

cidade de Passa e Fica/RN, especificamente, no 4º ano do ensino fundamental I. Vejamos a escola na (**Figura 1, pag.22**), na qual, foi o nosso campo de pesquisa e prática, a seguir:

Figura 1- Frente da Escola Municipal Celso Lisboa.



FONTE: Acervo da pesquisa, 2024.

A Escola Municipal Celso Lisboa na (**Figura 1, pag.22**), está localizada no município de Passa e Fica/RN, mais especificamente na zona urbana, no bairro Bela Vista. A mesma dispõe de poucos cômodos em seu prédio, distribuídos da seguinte forma: 3 (três) salas de aula, 1 (uma) sala para os professores, 1 (uma) sala para direção, 1 (uma) sala para coordenação, 1 (uma) cozinha, 1 (um) almoxarifado, 3 (três) banheiros – sendo: 2 (dois) para os alunos e 1 (um) para os funcionários. Além disso, dispõe de um corredor que interliga as salas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, exploraremos os resultados e discussões cruciais da pesquisa, que tem o objetivo de investigar a importância da Geografia para o desenvolvimento de alunos com (TEA), e compreender como essa disciplina pode estimular o desenvolvimento social desses alunos. Realizou-se uma intervenção didática no contexto da Educação Básica em uma turma do 4º ano do (EF), com alunos atípicos.

Na prática do ensino de Geografia com os referidos estudantes, da escola pública, na qual é viável, e também, uma educação democrática. Nesse sentido, é de extrema importância abordar a inclusão de forma a torná-la uma realidade.

Em relação às práticas de ensino em sala de aula, no contexto do ensino fundamental, é fundamental planejar de maneira flexível, atendendo às necessidades de aprendizagem dos alunos de aprendizado regular, como também de alunos atípicos, e considerando assim, o universo de diversas alternativas metodológicas. A prática concentrou-se na exploração do conteúdo de Geografia, com especial atenção à distinção do espaço rural e urbano, com ênfase, na Geografia Urbana e Rural. O propósito foi analisar as transformações ocorridas na área Urbana e identificar os elementos distintivos que a separam do ambiente rural e do campo, simultaneamente.

Nesta mesma feita, aproveitou-se por meio do uso de maquete e da elaboração de croquis, promover uma aprendizagem não só coletiva, mas, também, inclusiva! Envolvendo todos os alunos, inclusive aquele que apresentava o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista – TEA, evidenciando assim para a turma em questão que todos podem e devem ser incluídos no espaço em que os rodeiam sem distinção.

4.1 Metodologia inclusiva na disciplina de Geografia: Percepções dos alunos do 4º ano sobre a conexão Rural-Urbana Pedagógica para os anos iniciais do Ensino Fundamental com foco na inclusão

4.1.1 Primeira intervenção – Utilização de Maquetes

O objetivo consistia em integrar o aluno com (TEA), aos conteúdos ministrados e às atividades realizadas em sala de aula, através da pesquisa de campo, realizada com intervenção na sala do 4º ano do ensino fundamental I. Pôde-se evidenciar a, significativa importância da inclusão nas práticas docentes para a consecução de um ensino inclusivo, como preconizado pela legislação.

Na intervenção realizada na sala de aula supracitada anteriormente, há um aluno com Transtorno do Espectro Autista - TEA. Esse transtorno é caracterizado pela presença de desafios na comunicação social, que afetam a fala, a comunicação e a interação social, prejudicando as relações interpessoais. Além disso, o Autismo se manifesta por meio de comportamentos marcados por atividades e interesses restritivos, repetitivos e estereotipados. Essa combinação de características constitui

o diagnóstico do autismo, independentemente do nível de suporte necessário (NECO, SOUSA, SILVA e MUNIZ, 2020).

Portanto, crianças/pessoas com Transtorno do Espectro Autista - TEA, podem enfrentar desafios significativos em ambas as formas de comunicação, incluindo a verbal e a não verbal. Elas tendem a evitar o contato visual e a demonstrar dificuldades em compreender o significado de expressões faciais. (NECO, SOUSA, SILVA e MUNIZ, 2020).

Para os autores Neco, Sousa, Silva e Muniz, (2020), o autismo implica no processo de aprendizagem do indivíduo de forma distinta, tornando justificável a adaptação dos materiais e métodos de ensino de acordo com essa particularidade. Portanto, a metodologia adotada para o processo de intervenção do conteúdo de Geografia Urbana e Rural, foi estruturada de forma a harmonizar-se com a dinâmica da aula em questão, sem perder de vista as necessidades e competências dos demais educandos. Vejamos a (**Figura 2, pag. 24**), a seguir:

Figura 2- A importância da maquete nas aulas de Geografia.



FONTE: Acervo da pesquisa, 2024.

Nesse sentido, empregou-se uma representação física do espaço urbano e rural na forma de uma maquete, como está representado na (**Figura 2, pag. 24**). Na primeira intervenção, essa metodologia se destacou na aprendizagem de forma colaborativa e capacitou os alunos a desenvolverem habilidades espaciais. Além

disso, envolveu de maneira significativa o aluno com (TEA), no processo de construção do conhecimento apresentado.

É fundamental salientar que indivíduos com essa atipicidade, tendem a demonstrar uma preferência mais acentuada por estímulos visuais em detrimento dos auditivos. Além disso, podem manifestar diversas maneiras de expressar suas aptidões intelectuais. Nessa perspectiva, é imprescindível proporcionar a esses alunos ambientes e atividades que sejam somente organizados e estruturados, promovendo a previsibilidade e, assim, contribuindo para uma melhor organização em diversos contextos (NECO, SOUSA, SILVA e MUNIZ, 2020). Vejamos a participação do aluno com (TEA) na (**Figura 3, pag. 25**) a seguir:

Figura 3- Apresentação da maquete.



FONTE: Acervo da pesquisa, 2024.

O uso de maquetes no ensino de Geografia para crianças com (TEA), é uma metodologia inclusiva. Elas são representações tridimensionais de ambientes geográficos, permitindo a essas crianças, uma experiência sensorial tangível e visual do mundo ao seu redor, facilitando o aprendizado visual e tátil. Para Castrogiovanni (2014), a maquete é um “modelo” tridimensional do espaço.

Ela funciona como um “laboratório” geográfico, onde as interações sociais do aluno no seu dia a dia são possíveis de serem percebidas quase que na totalidade. A construção da maquete é um dos primeiros passos para um trabalho mais sistemático

das representações geográficas. Dessa maneira, iremos apresentar as figuras dos produtos produzidos pelos alunos da escola pesquisada, precisamos enfatizar essa metodologia de confeccionar os elementos cartográficos e apresenta-los, motivou os alunos a ressignificar o ensino de Geografia e o desejo pelo estudar a disciplina. Como podemos ver, na **(Figura 4, pag.26)** a seguir:

Figura 4- A aluna apresentando a relação entre o Campo e a Cidade.



FONTE: Acervo da pesquisa, 2024.

Essas representações proporcionam uma extensão prática que envolve o toque e a observação, o que pode facilitar a compreensão de conceitos geográficos. Essas maquetes transformam o conceito de abstração em representações concretas e tangíveis, tornando o aprendizado mais acessível. O (TEA), está por vezes, associado a desafios na compreensão de conceitos espaciais, mas essas representações podem ajudar as crianças a desenvolver uma compreensão mais sólida de relações espaciais, como *distâncias, direções e localização*.

Sobretudo, muitas crianças/pessoas com Transtorno do Espectro Autista - TEA, têm dificuldades na comunicação verbal. Assim sendo, o uso dessas representações pode servir como uma forma de comunicação não verbal, permitindo que expressem ideias, entendimento e façam perguntas de maneira visual. Atividades didáticas que incorporam elementos lúdicos auxiliam a criança/aluno na sua organização de forma agradável, oferecendo oportunidades para análise, raciocínio lógico e aprimorando a

percepção sensorial, entre outros aspectos. Com a construção da maquete nas aulas de Geografia, os estudantes conseguiram entender cada espaço, lugar identificando, e a localização do ambiente rural e urbano.

Na turma do 4º ano do (EF), as crianças tinham dificuldades em entender a disciplina de Geografia, mas, com as atividades lúdicas conseguiram compreender e construir uma maquete com a inclusão de todos alunos. Desta forma, “[...] O lugar pode ser entendido como a parte do espaço geográfico efetivamente apropriada para a vida, área onde se desenvolvem as atividades cotidianas ligadas à sobrevivência e às diversas relações estabelecidas pelos homens.” (LISBOA 2007, p.29). Vejamos a (Figura 5, pag. 27), onde o aluno explica a zona rural e urbana:

Figura 5- O aluno Vitor Gabriel, explicando a zona urbana e rural.



FONTE: Acervo da pesquisa, 2024.

A criança com Transtorno do Espectro Autista - TEA, muitas das vezes, sentem-se dificuldade para entender o ambiente, mas, com a utilização de maquetes – que é uma das ferramentas didáticas que podem ser utilizadas na prática escolar, uma intervenção pedagógica acontece. A aluna conseguiu apresentar a maquete explicando a relação entre o *Campo e a Cidade*, e como dependem um do espaço do outro, para as atividades e produção das matérias-primas utilizadas pela indústria e sobre as mercadorias que são fundamentais e se deslocam de um lugar para outro.

Para Castrogiovanni (2014), a cidade deve ser ensinada como lugar de vida, como lócus de população aglomerada, como tema de pesquisa em várias ciências, como conteúdo disciplinar na escola básica. Nos interessa pensar a cidade em Geografia e, no caso mais específico, para as aulas de Geografia, o que remete a argumentar a respeito da educação geográfica. Como já enunciado aqui, a educação geográfica é, e tornar o ensino de Geografia mais significativo, para a vida dos sujeitos, assim sendo, os alunos da educação básica. Vejamos a seguir, a (**Figura 6, pag. 28**), o aluno apresentando o espaço geográfico:

Figura 6- O aluno, apresentando o espaço geográfico de cada área.



FONTE: Acervo da pesquisa, 2024.

O aluno tinha muitas dificuldades em compreender como é a zona urbana e a zona rural, como foi supracitado, mas, com a atividade inclusiva da maquete, que foi realizada em sala de aula na disciplina de Geografia, a criança apresentou a área do campo e da cidade. Dessa forma, o aluno explicou a relação entre o espaço urbano e o espaço rural de forma prática e inclusiva, com demonstração, interagindo com cada território formado em cada área respectiva apresentado na maquete.

Para Cavalcanti (2011), a Geografia escolar tem apontado algumas abordagens metodológicas para o ensino, presentes de modo recorrente em diversas pesquisas. No entanto, perceber que embora ainda numa análise preliminar, há

necessidade de aprofundamento da discussão sobre as referências teóricas que orientam as discussões no campo da *Didática* da Geografia. Realizou-se a apresentação da maquete com o aluno apresentando o espaço geográfico de cada área. Vejamos o aluno apresentando sua maquete com suas características na (Figura 7, pag. 29) adiante:

Figura 7- O aluno João Gabriel, apresentando as características do Campo e da Cidade.



FONTE: Acervo da pesquisa, 2024.

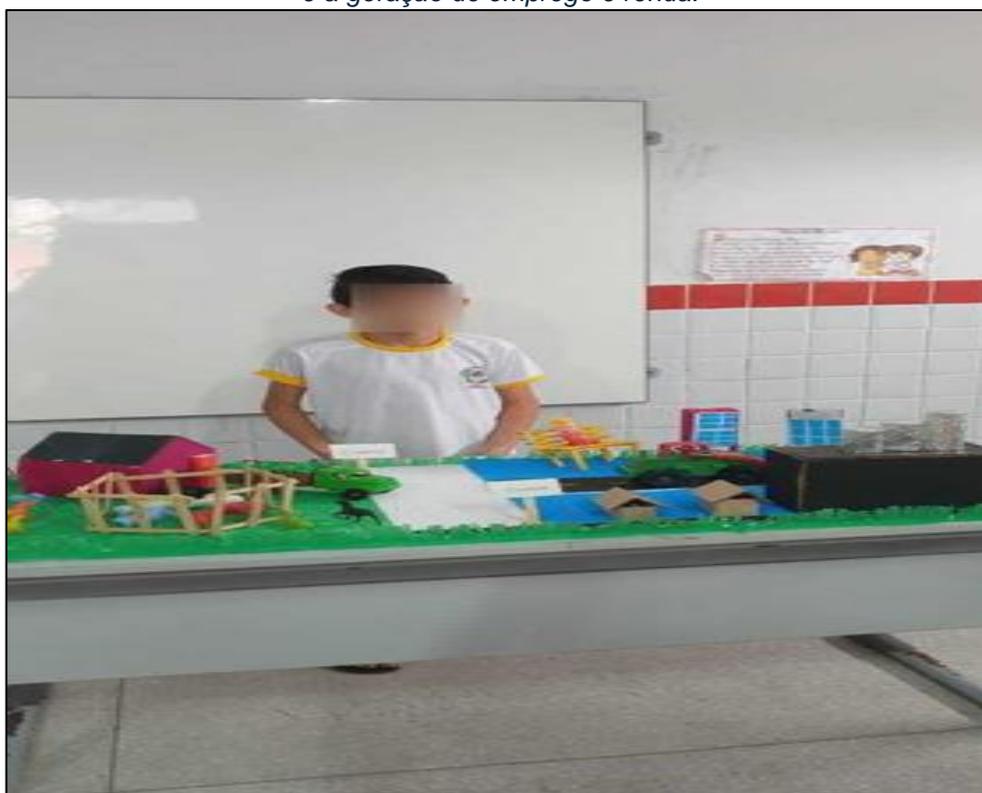
As maquetes são um dos recursos didáticos no processo de ensino-aprendizagem, que busca a inclusão e participação dos alunos, como também, estimula a interação e criatividade. No entanto, a Geografia é importante e está inserida no aprendizado do discente, com o objetivo de trazer a compreensão do aluno sobre o espaço geográfico. Dessa forma, o aluno compartilhou com a turma, o espaço de cada zona, a rural e a urbana. O estudante apresentou as características do campo e da cidade e como dependem uma da outra e as características e diferenças de cada espaço.

Assim sendo, ao realizar essa maquete percebemos o interesse e colaboração de cada aluno, em participar da atividade pedagógica proposta em sala de aula, com foco na inclusão. Os alunos com (TEA), possui a capacidade de aprender, uma vez

que nem todos possuem lacunas cognitivas, por isso, o professor pode colaborar com a inclusão, mas, para isso, é necessário buscar propostas metodológicas, atividades coletivas e inclusivas. Logo, como estagiária docente, fiz um planejamento dessa maquete com a participação de cada aluno nas aulas de Geografia.

E foi notório a compreensão do aluno quando o mesmo, apresentou a geração de emprego e renda, como também, a relação do espaço rural e urbano, e os produtos que são transportados de um local para o outro, para a geração de emprego e renda no trabalho realizado na agricultura. Como podemos ver na (**Figura 8, pag. 30**) a seguir:

Figura 8- O aluno João Gabriel, apresentando a relação do Campo e a Cidade e a geração de emprego e renda.



FONTE: Acervo da pesquisa, 2024.

Para Almeida (2024), o TEA, é um transtorno identificado geralmente na infância, mais em alguns casos podem ser identificado em outras fases da vida. Logo, o Transtorno do Espectro Autista – TEA, não é uma doença, pois não se sabe as suas causas, apresentando-se como um Transtorno Global do Desenvolvimento.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o autismo afeta e compromete cada indivíduo de maneira diferente, pois nenhuma pessoa com (TEA) é igual a outra. O TEA é considerado uma deficiência neurológica, que não tem cura,

ou seja, os indivíduos não possuem uma deficiência física, que pode ser visualizada pelas pessoas.

A aluna apresentou de forma lúdica, os alimentos que são encaminhados para a cidade. Contudo, ficamos emocionados com a dedicação de cada aluno, motivação e com a inclusão de cada criança nas aulas de Geografia, na apresentação de cada maquete. Como podemos ver na (**Figura 9, pag. 31**), a aluna expando o que aprendeu na maquete, a seguir:

Figura 9- A aluna Maria Clara, apresentando os alimentos, frutas e verduras que são encaminhados para a cidade.



FONTE: Acervo da pesquisa, 2024.

Na (**Figura 9, pag. 31**) supracitada, a aluna apresentou como os alimentos, frutas e as verduras ajudam na economia da cidade e do campo com muita produção. A aluna apresentou a relação de troca de bens e serviços entre o espaço rural e urbano, uma vez que, é um fator de muita importância entre esses espaços geográficos que dependem e adquirem, produtos e serviços ofertados por ambas as zonas. Dessa maneira, as atividades inclusivas tem o objetivo de favorecer e incluir todos os alunos no mesmo ambiente de aprendizagem, estratégias pedagógicas que ajudam e permitem que todas as crianças interajam com suas habilidades e aprendam uma com as outras.

A incorporação do recurso didático durante a aula de campo, conduzida no âmbito do ensino de Geografia, para estudantes do 4º ano do Ensino Fundamental I, teve como foco, intervenções destinadas ao ensino de Geografia, com ênfase nos conceitos relativos aos ambientes urbanos e rurais. Essa intervenção se materializou por meio da utilização de uma maquete, que serviu para representar de maneira tangível os referidos espaços. Na (**Figura 10, pag. 32**), o aluno se interessou-se bastante pela maquete, como podemos ver a seguir:

Figura 10- O aluno Daniel, observando com atenção a maquete.



FONTE: Acervo da pesquisa, 2024.

Primeiramente, na primeira intervenção, procedeu-se com uma concisa explanação e exposição acerca das características distintas entre os ambientes urbano e rural. Isso foi realizado por meio de uma maquete que incorporou objetos representativos de ambos os contextos. Assim, foi observado um aumento na interação e participação de todos os alunos, além de ficar evidente o entusiasmo e interesse deles em relação a maquete.

Foi apresentada uma metodologia que viabilizava aos alunos a construção do conhecimento. Dessa forma, a turma do 4º ano do ensino fundamental I, demonstrou

um envolvimento ativo desde a primeira intervenção sobre o conteúdo de Geografia. A criança com Transtorno do Espectro Autista - TEA, demonstrou interesse desde a primeira apresentação da maquete.

Desta forma, é de grande importância abordar a disciplina de Geografia de maneira atrativa em todas as etapas da educação, garantindo assim, sempre a inclusão de todos os alunos. Por fim, os materiais utilizados para a construção da maquete foram: tesoura, régua, estiletes, lápis, isopor, papel crepom, cola quente, brinquedos, caixas, palitos de picolé.

4.1.2 Segunda intervenção – Desenvolvimento de croquis (Ambiente Rural e Urbano)

Neste contexto, empregou-se uma representação física do espaço urbano e rural, na forma de uma maquete, na primeira intervenção, enquanto que, na segunda intervenção, optou-se por desenvolver croquis, que retrataram os ambientes rurais e urbanos. Na segunda intervenção, o objetivo foi de fornecer uma compreensão mais aprofundada, procedeu-se a elaboração de croquis que retrataram os aspectos dos ambientes na temática: *Rural e Urbano*. Dessa forma, foi observado um aumento na interação e participação de todos os alunos, além de ficar evidente o entusiasmo e interesse deles em relação à maquete e os croquis.

Assim, foi apresentada uma metodologia que se destacou com o objetivo de incentivar aos alunos a construção do conhecimento no ensino de Geografia, por meio do croqui. Segundo Simielli (1999), O croqui, é um tipo de representação cartográfica que estimula a liberdade e a criatividade em sua criação. Por meio dessa representação podemos conhecer elementos da dimensão do espaço, incentivando o aluno a dominar a alfabetização cartográfica, sua codificação e decodificação.

Ademais, a atividade dos croquis, intervenção realizada a fim de contribuir com a inclusão dos alunos com (TEA), na temática da relação entre o campo e a cidade, mais precisamente, no 4º ano do Ensino Fundamental I, da Escola Municipal Celso Lisboa, consistiu na construção de um croqui, em que os alunos pudessem descrever, ilustrar, pintar como é a relação do ambiente de zona rural e urbana. Na construção do croqui, os alunos demonstraram interesse em participar da aula, utilizaram a sua criatividade ilustrar, descrever, pintar o campo e a cidade.

Para realizar essa atividade foi preciso orientar os alunos antes de tudo, a observarem principalmente os elementos rurais, por exemplo: a agricultura, a

pecuária, o extrativismo, a caça, já para os elementos urbanos observassem: as casas, as pontes, as ruas, as avenidas, os prédios, o trânsito de pedestres, os comércios e indústrias). Assim ao observar a (**Figura 11, pag. 34**), vemos na ilustração desenhada pelo aluno essa relação entre o campo e a cidade, com essas deveras características a seguir:

Figura 11- A relação do Campo e da Cidade.



FONTE: Acervo da pesquisa, 2024.

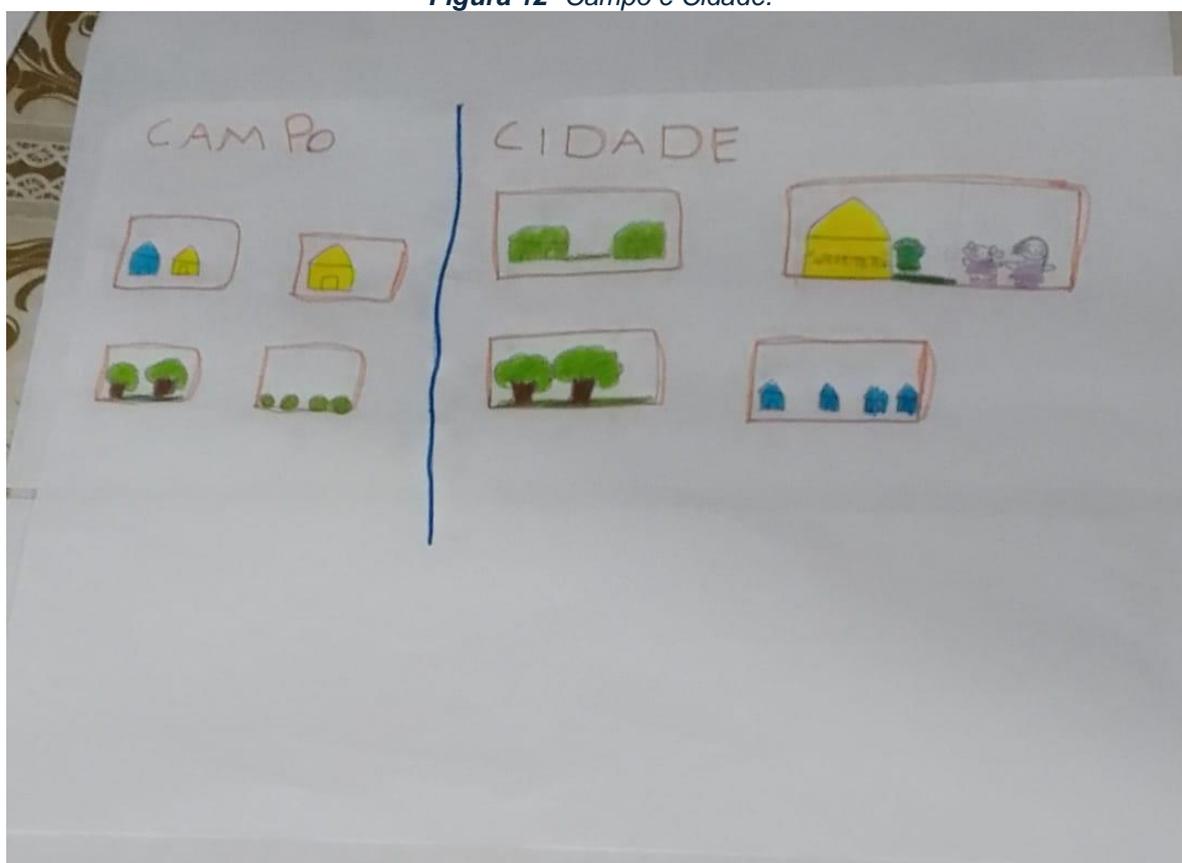
Na (**Figura 11, pag. 34**), o aluno utilizou da sua criatividade, ao representar a relação entre o campo e a cidade com a ilustração de um desenho feito no croqui, com a ilustração do campo e da cidade. Pode-se perceber que o aluno representou o espaço rural com poucas construções como, a casa e ilustrações de muitas árvores e flores para representar o campo, já na cidade, ele desenhou mais construções como: a casa, a pizzaria e o shopping, e principalmente, uma pista para identificar que é o centro da cidade.

No entanto, com a ilustração dos croquis, os elementos de cada espaço foram apresentados, como também, o campo e a cidade são dependentes um do outro e a relação entre o espaço rural e urbano. Após os alunos fazerem os croquis, foi a vez

de discutir com eles a importância do ambiente rural e urbano, como também, destacamos alguns elementos necessários a saber: florestas, pastagens, presença de pequenas propriedades, agricultura, que são características do espaço rural, já o espaço urbano, destacamos os elementos como: presença edifícios, comércios e entre outros.

Dessa maneira, entendemos que os croquis serviram para ilustrar mais detalhadamente a relação entre o campo e a cidade, a dependência das indústrias da cidade que dependem da matéria-prima vinda do campo etc. Outro exemplo, temos na (**Figura 12, pag.35**), como ilustra a aluna com a representação do Campo e a Cidade. Vejamos:

Figura 12- Campo e Cidade.



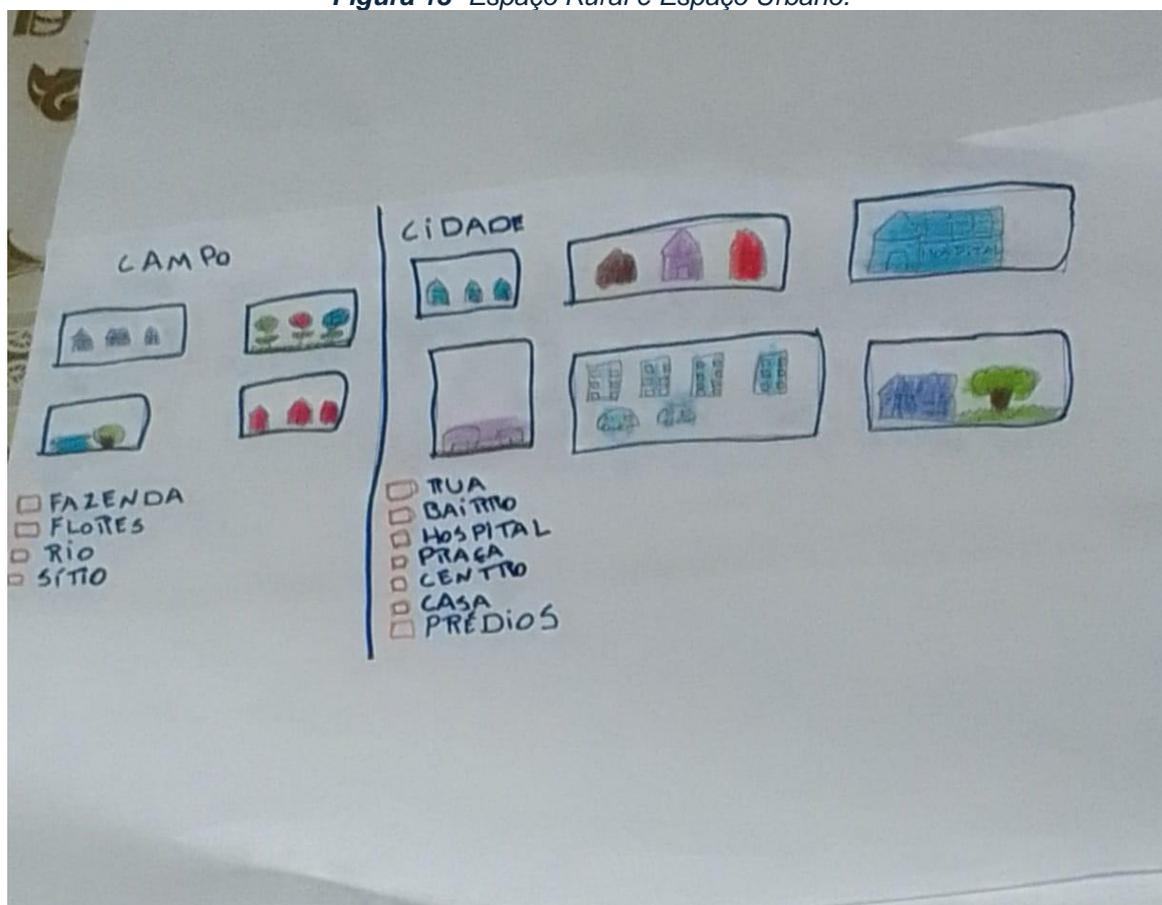
FONTE: Acervo da pesquisa, 2024.

A aluna, na (**Figura 12, pag.35**), fez a sua ilustração no croqui, utilizando quadrinhos, por exemplo, no campo ela fez (casas, plantação e produção). Já na cidade, utilizou na imagem (casas, praça e prédios). A aluna buscou metodologias para identificar o espaço a zona rural e urbana e como dependem principalmente para a geração de emprego e renda.

Na atividade, vimos que as crianças fizeram no croqui, a imagem do campo e da cidade – espaço, paisagem, elementos da natureza e entre outros. Pode-se perceber a relação entre campo e cidade, observando que muitos produtos da cidade estão a cada dia presentes no campo. Assim compreendemos, as principais características da zona rural e da zona urbana e como uma atividade inclusiva é de bastante importância.

O croqui, por exemplo, proporcionou a atenção dos estudantes a entender a relação entre o campo e cidade, isso de certa forma, torna-se uma proposta de atividade para se trabalhar na disciplina de Geografia, especialmente utilizando a atividade do croqui com a inclusão de todos os alunos. Vejamos como está representado na (**Figura 13, pag. 36**), a seguir:

Figura 13- Espaço Rural e Espaço Urbano.



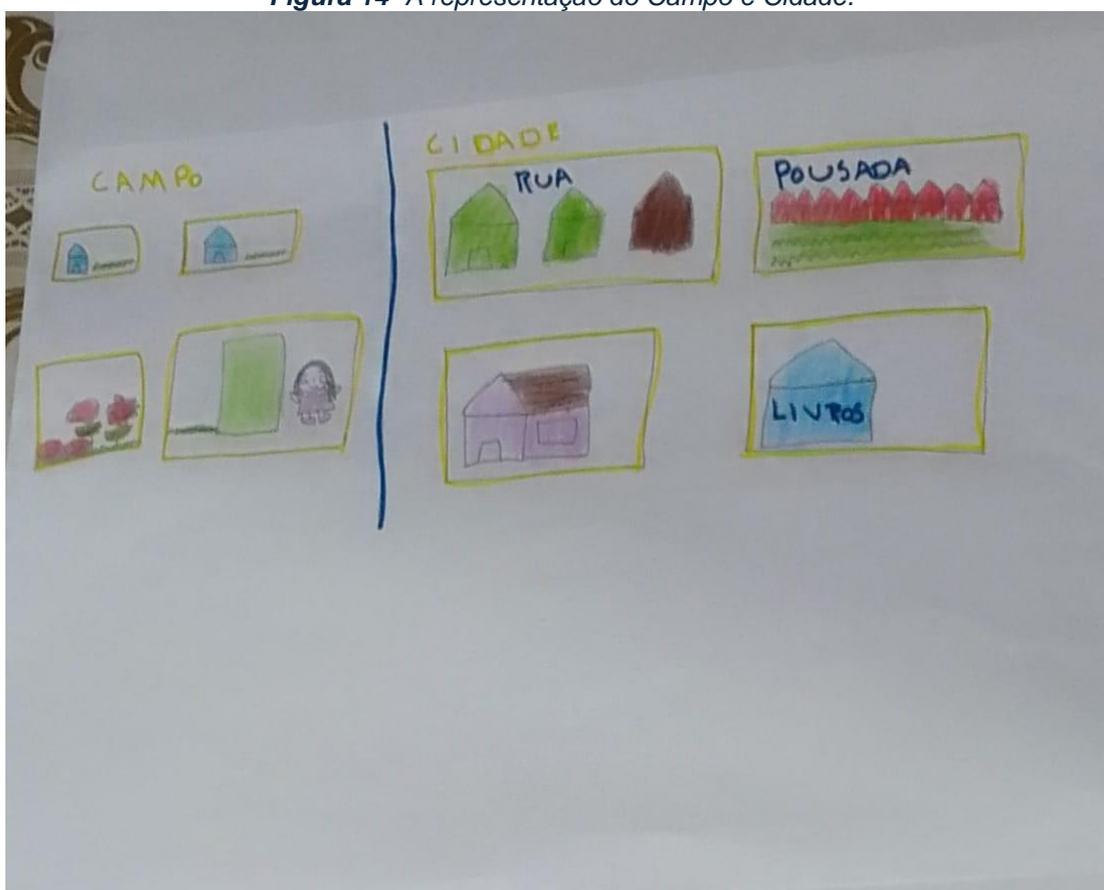
FONTE: Acervo da pesquisa, 2024.

O aluno, na (**Figura 13, pag. 36**), fez o seu desenho em forma de croqui, e no espaço rural: desenhou a fazenda, flores, rio e sítio e colocou em uma legenda para identificar cada uma das cores no espaço urbano (rua, bairro, hospital, praça, centro,

casas e prédios), como também, fez uma espécie de legenda e colocou os nomes de cada desenho para identificar cada localização.

Dessa forma, a maquete e o croqui, são propostas metodológicas que os profissionais docentes precisam incluir nas aulas de Geografia, especificamente para os alunos com (TEA), é importante que a escola possa trabalhar com recursos pedagógicos e inclusivos com a participação e inclusão de todos os alunos. A educação inclusiva acontece com a prática e participação de todos, e principalmente, de atividades coletivas. Observaremos a ilustração feita por uma aluna especificando o campo e a cidade, através do desenho no croqui, logo mais adiante na (**Figura 14, pag. 37**), a seguir:

Figura 14- A representação do Campo e Cidade.



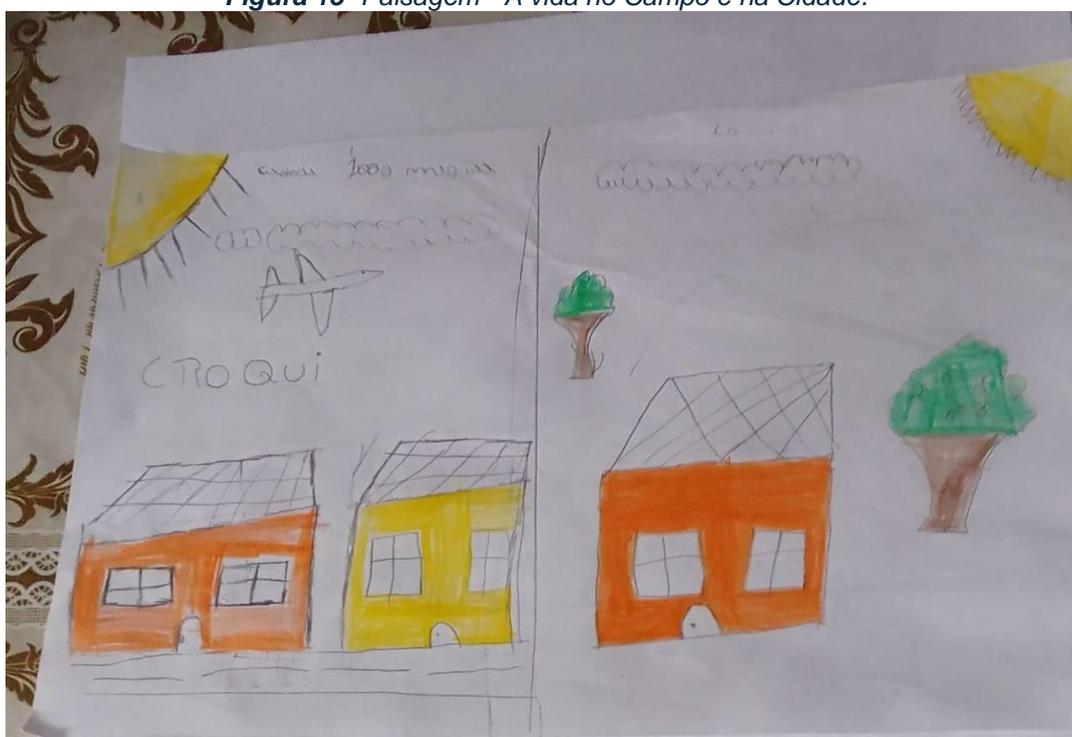
FONTE: Acervo da pesquisa, 2024.

A aluna na (**Figura 14, pag. 37**), utilizou a sua criatividade para representar o campo com os desenhos (sítio, flores e uma criança brincando no campo) e para representar a cidade fez no croqui (rua, pousada, casa e uma biblioteca). O croqui foi uma atividade de inclusão e participação de todos os alunos. Com essa atividade, as crianças demonstraram a sua criatividade. Assim, cada aluno fez a sua a ilustração

do campo e da cidade, foram bem espontâneos, percebendo como se relacionam constantemente trocando produtos e serviços e a geração de emprego.

Na aula de Geografia com o tema: “A relação entre o Campo e a Cidade”, na qual, foi representada através do croqui construídos pelos alunos, vimos a representatividade da área rural e urbana, como foi exposto nas imagens supracitadas anteriormente. Cada aluno teve a oportunidade de representar a sua criatividade, com a ilustração do desenho no croqui. Visando assim, uma atividade com a inclusão, especialmente aos alunos com (TEA). Vejamos também outro exemplo de croqui construído por um outro aluno, onde o mesmo representou na paisagem a distinção entre a vida no campo e na cidade, na (**Figura 15, pag. 38**), a seguir:

Figura 15- Paisagem - A vida no Campo e na Cidade.



FONTE: Acervo da pesquisa, 2024.

O aluno demonstrou a paisagem do campo com os seguintes desenhos: o sol, a nuvem, a casa, a fazenda e a paisagem; enquanto que para representar a cidade, o mesmo fez a ilustração de (casas, árvores e um avião) na (**Figura 15, pag. 38**). Neste contexto, realizou-se uma atividade de intervenção lúdica, com a inclusão de todos os alunos, atividade na qual, cada aluno demonstrou com atenção e criatividade a relação entre o campo e a cidade através dos croquis.

Com isso, a apresentação e os resultados obtidos nessa proposta da *segunda intervenção* foram bastante satisfatórios e estimulantes, pois, a turma trabalhada,

desenvolveu os croquis representando os elementos que identificam os ambientes rurais e urbanos com bastante clareza, no qual, foi proposto em sala de aula, isso foi de grande importância para a atividade representada e proposta em sala de aula.

Os resultados alcançados na *primeira e segunda intervenção* permitiram afirmar que, a turma do 4º ano do (EF), conseguiu na prática, seguir a Geografia inclusiva, entendendo que é possível representar através de ilustração a temática proposta, por meio do desenho de suas próprias autorias. Assim, os materiais utilizados para a construção dos croquis foram: folha de ofício, lápis grafite, lápis de cor e caneta.

Portanto, compreendemos que, os alunos conseguiram demonstrar com inclusão, a proposta do croqui. As crianças ilustraram desenhos e puderam colorir de forma satisfatória. Desta forma, a proposta de intervenção ajudou os alunos a trabalharem em equipe e mostrou como é possível estudar a disciplina de Geografia através dessas atividades representativas. Cada aluno teve a capacidade de fazer o croqui, e essa proposta para a disciplina de Geografia necessita tanto da teoria quanto da prática, nesse caso acrescentamos atividades lúdicas. Por isso, determinamos que, as crianças com Transtorno do Espectro Autista - TEA, tem e podem participar e trabalhar em equipe com atividades coletivas em sala de aula.

4.1.3 Momento de partilha em sala: considerações acerca da atividade pedagógica, as dificuldades e facilidades encontradas – Caráter Desafiador

Percebemos que os alunos tinham dificuldades em compreender a disciplina de Geografia, mas, com a *primeira intervenção* – a atividade da maquete, e posteriormente, com a *segunda intervenção* – a atividade do croqui, as crianças conseguiram entender e explorar a inclusão de todos os alunos. "Ao ensinar geografia, deve se dar prioridade à construção dos conceitos pela ação da criança, tomando como referência as suas observações do lugar de vivência para que se possa realizar conceitos geográficos por meio da linguagem cartográfica." (Castellar, 2000, p.31).

No decorrer das aulas expostas percebemos, não só as dificuldades dos alunos como também a facilidade de compreender, a partir, da explanação das atividades pedagógicas da maquete e do croqui. Os alunos expõem suas opiniões da seguinte forma: "Nunca fiz uma maquete, sinto falta nas aulas de Geografia" (Aluna B, 2024); "Tia, eu não sei o que é uma maquete, mas quero aprender" (Aluno C, 2024); "Tenho dificuldades professora, é a primeira vez que faço e vejo uma maquete" (Aluna D,

2024). Ao observar essa práxis, entendemos o quão desafiador é a prática docente, e nos faz refletir cada vez mais sobre sermos docentes aprendizes do *saber e ensinar*.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscamos construir uma reflexão sobre a importância de discutirmos uma educação de inclusão, no âmbito do ensino de Geografia. Sobretudo, enfatizando as crianças que possuem o Transtorno do Espectro Autista - TEA, bem como, suscitamos um olhar mais dinâmico para os múltiplos estudantes que a compõem. Para isso escolhemos uma turma do (4^o ano) quarto ano do Ensino Fundamental (séries iniciais) da Escola Municipal Celso Lisboa, que faz parte da rede pública de ensino da cidade de Passa e Fica/RN.

Além da pesquisa teórica tivemos a oportunidade de vivenciamos no chão da sala de aula essa realidade de maneira mais próxima ao conhecer uma das turmas da escola que possui um aluno com (TEA). Desenvolvemos assim, uma metodologia de ensino ressignificando da Geografia, a partir, de representações cartográfica, estimulando a participação de todos os estudantes e a prática da inclusão e socialização do aluno que possui (TEA), por meio de recursos como: produção de maquetes e croquis, linguagens, e recursos dinâmicos – que despertam a atenção e o interesse dos alunos durante as aulas.

Desse modo, também verificamos que os alunos possuíam um conhecimento acerca do espaço geográfico, e que conseguem chegar até a aprendizagem por meio dos recursos pedagógicos, como também, estimulando a curiosidade dos mesmos, sobre a temática de “Relação entre o Campo e a Cidade”, juntamente com as atividades realizadas e as intervenções das maquetes. Além dos diálogos que foram possíveis construí nesse momento, com a participação e a inclusão de todo estudantes da turma.

Contudo, é fundamental que essas crianças tenham o apoio e a importância, de o professor buscar metodologias e produzir recursos pedagógicos para facilitar a ensino/aprendizagem do aluno e a inclusão, na disciplina de Geografia. É importante investigar algumas dificuldades presentes na aprendizagem de crianças atípicas, saber também, o que a escola faz para a permanência desse aluno, e assim, garantir os direitos escolares para todos! – Pois garantir a vaga não quer dizer que ele irá permanecer na escola. Por conseguinte, consideramos tal pesquisa de suma

relevância para a comunidade acadêmica e a sociedade em geral colaborar com as discussões dessa temática.

Dessa forma, visando gerar o conhecimento, pois grande parte dos artigos científicos pesquisados em Geografia não aborda a questão do ensino de Geografia para alunos com (TEA). Para tanto, a temática é relevante para motivar mais pessoas a se dedicarem a essa área tão complexa e gratificante ao mesmo tempo. É fundamental que os profissionais docentes estejam em busca de conhecimentos, antenados e preparados para contribuir com a inclusão de Crianças com (TEA). Para isso é necessário a utilização de recursos didático/pedagógicos, que promovam o protagonismo dos alunos.

Na Geografia existe uma riqueza de possibilidades, dentre elas, a confecção de maquetes e os croquis, como representação do espaço geográfico. Com isso é relevante que o professor assuma uma postura inclusiva para todos, por meio do acolhimento e empatia, ações que fazem a diferença na vida dos alunos, especialmente os que possuem Transtorno Global de Desenvolvimento, como é o caso do (TEA).

Ademais, o ambiente escolar é de muita importância, para que os alunos se sintam acolhidos, respeitados e recebam as mesmas oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento das demais crianças. Para tanto, é importante que as escolas públicas/privadas, atentem o olhar para a disponibilização de recursos pedagógicos e suporte, para colaborar com a inclusão nas aulas de Geografia de forma lúdica. E que, os alunos possam participar de todas as atividades, trabalhos coletivos, ou atividades em grupo, com o objetivo de incluir a criança com (TEA) nas aulas, e trabalhar a disciplina com a intervenção pedagógica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Juliana Nóbrega de. **Formação do Professor de Geografia e Inclusão: Um olhar a partir das lentes do estágio supervisionado curricular na UEPB.** E-BOOK CONEDU 2023. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/conedu/2023/GT01/TRABALHO_COMPLETO_EV185_MD5_ID10922_TB875_01112023110751.pdf.

BATTISTI, A.V. HECK, G.M. **A inclusão escolar de crianças com autismo na educação básica: teoria e prática.** 2015.TCC.

BRASIL. **Declaração de Salamanca. Princípios, política e prática em educação especial.** Brasília: UNESCO, 1994.

BRASIL. **Lei n 12.764, de 27 de dezembro de 2012.** Instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o 3 do art. 98 da Lei n. 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Diário Oficial da União, 28 dez. de 2012. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/civil/03/ato/2011-2014/2012/lei/112764.htm>.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional comum curricular: educação é a base.** Brasília, 2017. Disponível em <http://base.nacionalcomum.mec.gov.br/WPcontent/uplod/2018/02/bncc-20dez-site.pdf> Acesso em: 21 jun.2022.

CASTELLAR, S.M.V. **A alfabetização em geografia. Espaços da Escola**, I juí, v.10, n.37, p.29-46, jul./set.2000.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos, **Apreensão e compreensão do espaço geográfico.** (In) CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. Ensino de Geografia: Práticas e textualizações no cotidiano. 9 ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.p.11-82.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática educativa.** 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e sociedade.** 4 ed. São Paulo: Moraes, 1980.

IBGE, **Mapas municipais. 2020. RN. Passa e Fica.** Disponível em: <https://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_municipais/colecao_de_mapas_municipais/2020/RN/passa_e_fica/2409100_MM.pdf> Acesso em: 26 de jul. 2024.

KANNER, L.apud KELMAM, C.A (et al). ALBUQUERQUE, D. BARBATO, S. **Organizadoras Desenvolvimento Humano, educação e inclusão escolar.** Brasília. ed.unb, 2010.

LISBOA, S.S. **A importância dos conceitos da geografia para aprendizagem de conteúdos geográficos escolares.** CEP, v.36570, n. 000, 2007.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão e escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: moderna, (colação cotidiano escolar) 2003.

MORAIS, Marcus Cesar Cavalcanti de. **Passa e Fica.** In.: Terras Potigüares. Natal/RN: Editora Foco, 2004.

NECO, A.S.; SOUSA, J.Á.A.; SILVA, G.K.A.; MUNIZ, A.M.V. **Ensino de Geografia e a educação inclusiva: relato de experiência da disciplina de oficina Geografia III na Escola Infantil de Fortaleza-CE.** In: **Congresso Nacional de Educação (conedu)**, 7., 2020, Maceió: Editora Realize, 2020, p.10. Disponível em: https://editora.realize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV_140_MD_1_SA_11_ID_06301102020223539_PDF Acesso em: 14 de outubro de 2023.

OMS (**Organização Mundial da Saúde**). CID -10: Classificação Estatística Internacional de Doenças. São Paulo: Udesp, 2008.

ONZ, Franciele Zanella; GOMES, Roberta de Figueiredo. **Transtorno do espectro autista: a importância do diagnóstico e reabilitação.** In: caderno pedagógico, Lajeado, V.12, n.3, p. 188-199, 2015.

PAGANELLI, Tomoko. **Formação de professores de Geografia: diversidade, prática e experiência.** Organização de Amélia Cristina Bezerra. Jader Janer Moreira Lopes e Denizart Fortuna- Niterói: Editora da UIH 2015-300 p.: 21 cm- (Série Práxis Educativa. v. 10).

PICHETH, S.F.; CASSANDRE, M.P.; THIOLENT, M.J.M. **Analisando a pesquisa-ação á luz dos princípios intervencionistas: um olhar comparativo.** Educação, [S.l.], v.39, n.4, p.s3-s13,2016.

RICHTER, Denis. **Professor (a), para que serve este ponto aqui no mapa? a construção das noções espaciais e o ensino da cartografia na formação do (a) Pedagogo (a).** 2004.155 f Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de ciências e tecnologia, presidente prudente, 2004.

SANTOS, Mônica; SEPÚLVEDA, Denise. **Desenvolvimento culturas, Políticas e Práticas Inclusivas de Avaliação na Formação Docente Inicial.** Anais do I Congresso Nacional de Avaliação em Educação: I CONAVE. BAURU: CECEMCA/ UNESP, 2010, pp. 1-12.

SIMIELLI, M.H.et al. Do Plano Tridimensional: **A Maquete como Recurso Didático.** Boletim Paulista de Geografia, n.70. São Paulo: AGB, 1991.

SOUSA, **Professor e o autismo: desafios de uma inclusão com qualidade.** Universidade de Brasília-2015.

TAMANAHAN, Ana Carina. **A eficácia da intervenção terapêutica fonoaudiológica nos distúrbios do espectro autístico [tese].** São Paulo: Universidade Federal de São Paulo; 2008.

APÊNDICES

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos, (Org.); CALLAI Helena Copetti ; KAERCHER , Nestor André. Ensino de Geografia: práticas e textualizações do cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2014.

CAVALCANTI, Lana de Souza. ENSINAR GEOGRAFIA PARA A AUTONOMIA DO PENSAMENTO: O DESAFIO DE SUPERAR DUALISMOS PELO PENSAMENTO TEÓRICO CRÍTICO. Revista da ANPEGE, v. 7, n. 1, número especial, p. 193-203, out. 2011. Disponível em: <<https://nepeg.com/newnepeg/wp-content/uploads/2014/04/CAVALCANTI-LANA-DE-SOUZA.-ENSINAR-GEOGRAFIA-PARA-A-AUTONOMIA-DO-PENSAMENTO-ANPEGE.pdf>>. Acesso em: 10/05/2024.

SIMIELLI, M.E.R. Cartografia no Ensino Fundamental e Médio. In: CARLOS, A. F. A. (org). A Geografia na Sala de Aula. São Paulo: Editora Contexto,1999.